DESENHO E OBSERVAÇÃO

FRANCIVALDA SANTOS LIMA

RESUMO
O desenho infantil é muito importante para o desenvolvimento da criança, inclusive durante o processo de alfabetização. Este trabalho tem como finalidade analisar a contribuição do desenho infantil para a aquisição da língua escrita da criança na alfabetização. O processo de alfabetização na vida de uma criança é de suma importância para o seu desenvolvimento cognitivo e social, tendo em vista que é neste período que a criança tem a oportunidade de desenvolver as suas habilidades e construir este conhecimento devido às suas experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar. No período de alfabetização, a criança traz consigo as suas primeiras experiências gráficas na forma de desenho que a possibilitam expressar suas ideias, seus sentimentos, desejos e comunicar as suas descobertas, seus anseios e vontades. Assim, o desenho é uma linguagem significativa, pois é através dele que a criança manifesta sua concepção de mundo. Diante dos desenhos infantis, torna-se fundamental a leitura psicopedagógica de situações e produtos que podem levar o psicopedagogo detectar fatores que estão empobrecendo a aprendizagem escolar. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar a influência do desenho na aprendizagem da linguagem escrita, buscando compreender sua relação com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Palavras chave: Desenho Infantil, alfabetização, desenvolvimento

INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394/96) destaca em seu art. 21- I, que a educação escolar compõe-se de Educação Básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Já em seu art. 26, § 2o, ordena que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Sobre isso Palmeira (2014) relata que, "as artes visuais são linguagens que norteiam a Educação Infantil, pois ela trabalha com sentimentos e as sensações da criança, estimulando-as no processo de desenvolvimento através dos elementos artísticos e o mundo em que ela vive". Segundo Eisner (1999) a arte encoraja a criança a colocar sua visão pessoal e sua assinatura em seus trabalhos. Sendo assim, trago este tema, a arte do desenho para o desenvolvimento infantil objetivando discorrer através de referenciais teóricos, pesquisas de campo, atividades práticas e entrevistas visando contribuir para que educadores possam visualizar possibilidades do desenho no desenvolvimento e ensino-aprendizagem infantil. Acerca disso é de suma importância trazer, entre outros, os ideários da eminente pesquisadora do desenho da criança:

Partir para pensar o desenho dos pequenos enquanto produção a ser analisada e percebida de forma séria e particular leva-nos, antes de tudo, a sublinhar que consideramos estas crianças como sujeitos singulares que são contextualizados, possuidores e criadores de história e de cultura, com especificidades em relação aos adultos – muito distantes da imagem corrente de adulto-em-miniatura ou cidadão-de-amanhã. São, sim, crianças: cidadãos de pouca idade, hoje. (GOBBI, online).

Para Brasil (1998), "o desenho é uma forma privilegiada de representação, na qual as crianças podem representar suas ideias e registrar informações. É uma representação plana da realidade. As características adotadas pelas crianças em suas construções constituem-se em objeto de atenção do professor". Por isso, os educadores devem estar atentos ao distribuir objetos de pinturas para que não seja um simples passatempo, intencionando unicamente discipliná-los, entretê-los enquanto preenche documentos pedagógicos ou outras funções, mas, sobretudo trabalhar com atividades das quais as crianças possam desenvolver-se demonstrando suas criações, sentimentos, angustias, emoções, entre ou-

tros. É através do desenho que a criança expressa a sua linguagem, cria e recria, desenvolve sua criatividade, desenvolve sua coordenação motora, integra sua percepção, possibilita sua leitura de mundo, dando "asas" a sua imaginação, com possibilidades de brincar, registrar e falar. Ainda para Gobbi (online): Podemos entender o desenho como uma das formas que as crianças lançam mão para tentar organizar, realinhar o mundo do qual fazem parte. Mundo adultocêntrico que as desafia com sua arbitrariedade e dinamismo - um caminho que pode me apontar o papel social do desenho como possibilidade de a criança construir/ reconstruir o seu em torno.

Possa & Vargas (2014) afirma-nos que:

O grafismo é uma linguagem capaz de possibilitar a representação da realidade e do imaginário de uma pessoa. Ou ainda, o esboço gráfico pode desenvolver a criatividade, proporcionar autoconfiança, ampliar a bagagem cultural e facilitar o processo de sociabilidade. Desse modo, a produção gráfica de uma criança pode ser a única maneira que ela encontra para se comunicar, ou seja, pode ser o momento dela deixar o seu inconsciente falar e através dele poder desvendar aspectos da sua personalidade, da sua vida social e familiar, nos momentos difíceis da sua vida, a criança evade-se num mundo imaginário onde nada a impede de realizar os seus desejos. As manifestações visíveis desta fuga são os jogos, os contos e os desenhos. Assim, considera-se que o grafismo é, na maioria das vezes, um esboço livre onde crianças podem expressar o que estão sentindo naquele momento.

Tudo isso, portanto, deve ser pensado de forma planejada e adequada para que os pequenos da Educação Infantil tenham além de seus direitos garantidos, situações significativas para o seu desenvolvimento. Desta forma, faz-se necessária esta pesquisa sobre o tema a arte do desenho para o desenvolvimento infantil, porque as praticas cotidianas em sala de aula demonstram que em sua grande maioria, os desenhos são trabalhados de forma superficiais, como situações não planejadas e, sobretudo com a finalidade de ocupar o aluno. Faz-se necessária esta pesquisa sobre o tema a arte do desenho para o desenvolvimento infantil, porque as práticas cotidianas em sala de aula demonstram que em sua grande maioria, os desenhos são trabalhados de forma superficiais, como situações não planejadas e, sobretudo com a finalidade de ocupar o aluno. Sendo assim, este trabalho busca influenciar os educadores para uma melhor observação na realização dos desenhos infantis, para que eles possam promover um ensino-aprendizagem qualitativo com inúmeras descobertas e situações estimuladoras com esses desenhos, visto que eles representam um fator importante para o desenvolvimento infantil e possíveis percepções dos sentimentos que a criança vivencia naquele momento.

DESENHO E OBSERVAÇÃO

O desenho é uma etapa necessária para a aquisição e compreensão da língua escrita. Todavia, não é apenas neste âmbito que as representações deste tipo têm influência, haja vista que também atua no desenvolvimento global da criança. A partir da concepção de que a aprendizagem começa antes da criança entrar na escola, ressaltamos que, a escola, se constitui um espaço propício para o desenvolvimento e formação do sujeito. A criança se torna apta a segurar um lápis, caneta ou algo de gênero, por volta de um ano de vida, tornando-se assim capaz de formar seus primeiros traços gráficos. No início esses traços não passam de rabiscos, os quais são denominados garatujas, e ao passo que se desenvolve e adquire os meios para conhecer e interagir com o seu redor a criança começa a realizar construções cada vez mais elaboradas, que passam a assumir função simbólica. Traçar mensagem de forma gráfica, desenhando, escrevendo ou rabiscando, são formas construídas e utilizadas pelos homens para se comunicarem e se expressarem no decorrer da sua história. No entanto, a criança nem sempre tem o intuito de transmitir algum recado quando desenha, haja vista que, por vezes, apenas deseja colocar no papel suas percepções sensoriais e motoras. Posteriormente, com o passar do tempo e as novas experiências adquiridas, a criança começa a entender que precisa ser compreendida pelas pessoas com quem convive, e por isso

percebem que suas marcas precisam ter uma intenção e seguir um padrão. Neste sentido, o desenho feito pela criança pode ser apenas uma forma de liberdade de expressão, porém podemos também percebê-lo como condição de linguagem, uma possibilidade de fala, sendo um simbolismo de primeira ordem, o desenho é uma retomada da memória, posto que a criança não desenha o que vê, mas o que conhece.

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1990, p. 10).

Dessa forma, podemos pensar o desenho como linguagem universal que possui convenções pertencentes à sociedade e a cultura e perpetua diferentes gerações. Cada qual com suas singularidades próprias, dotada de história. O desenho é uma linguagem com estrutura e regras próprias de funcionamento. Linguagem esta que significa toda e qualquer realização humana onde o desenho se enquadra num sistema de representação como uma produção de sentido. Desenhando a criança imprime registros, portanto, expressa e comunica. Os traços deixados nas mais variadas superfícies são registros e como tais, expressam sentimentos e pensamentos. O desenho da criança é a primeira forma de expressão gráfica, iniciada antes mesmo de ela dominar a leitura e a escrita, e é para ela uma linguagem, como o gesto e a fala. Na primeira etapa escolar, toda criança desenha e deixa marcas por prazer. Sempre encontra um jeito e um local para registrar. O chão, a parede e os móveis são muitas vezes destinos escolhidos pela criança pequena, o desenho expressa a vivência e torna-se uma brincadeira que gera prazer. A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer, assim podemos afirmar que a criança desenha para divertir-se, a criança desenha para brincar. Pensamos que o desenho seja um veículo de expressão tanto do brincar quanto da diversão, afinal, ambos se complementam. Ao nos depararmos com uma criança desenhando dificilmente a veremos triste, pois o desenho representa uma dimensão humana que rompe barreiras, alimenta sonhos, estimula pensamentos e encanta. O desenho como linguagem também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente. É também através do desenho que a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento. Fenômeno cultural, portanto, linguagem, o desenho, presente em todos os povos desde o início da civilização, constitui uma representação da vida. A prática do desenho é parte da vida e a criança que desenha vivencia descobertas, extrapola ideias e pensamentos, é feliz. Linguagem da arte, o desenho pode ser considerado uma produção criadora que envolve uma gama de sentimentos e pensamentos reunindo elementos da experiência para formar novos saberes. Assim, a arte constitui conhecimento, envolve o pensamento, o sentimento e a formação intelectual. Por isso o desenho se direciona à arte. Podemos definir o desenho como um processo pelo qual uma superfície é marcada aplicando-se sobre ela a pressão de um objeto – lápis, caneta, giz, que se transforma numa imagem formada por traços. O mundo dos traços e das cores marca presença junto à infância com encantamento, motivando o desejo da descoberta, pois é carregado de significados e reflete o retrato da criança. O desenho infantil estabelece uma relação entre a criança e sua expressividade, que possui seu próprio estilo de representação gráfica bem como sua própria maneira de expressão. O fazer artístico da criança por meio do desenho sofre influência da cultura através de imagens em livros, revistas, propagandas, televisão e

também de trabalhos de outras crianças e adultos. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), os trabalhos de arte das crianças revelam o local e a época histórica em que vivem, suas oportunidades de aprendizagem, suas ideias e sentimentos. O estilo dos desenhos infantis mostra originalidade mesmo com características globais e universais presentes em várias culturas. Este estilo vai avançando conforme a criança cresce, com a maturidade dos parelhos perceptivos e motores. A criança, principalmente na sociedade contemporânea, é alvo de olhares diversos, que procuram por definições para este período da vida humana que se diferencia dos demais em variados aspectos, desde sua formação biológica até sua forma de inserção na sociedade. As concepções de criança partem de reflexões, na maioria das vezes, referentes ao passado ou a atualidade, isso porque, é possível a partir destes, realizar uma análise do que é ou não significativo, assim como, aparentemente verdadeiro. Estas análises contam com experiências já ocorridas e observadas, facilitando a compreensão ou reformulação de ideias. Este processo de buscar a validação ou a reestruturação daquilo que se tem conhecimento é de extrema importância para a evolução das mediações humanas, pois é este processo que possibilita ultrapassar o limite já estabelecido, partindo para uma nova, e talvez, melhor forma de pensar e agir perante a sociedade ou determinado grupo social. Seguindo este pensamento, serão apresentadas a seguir, diferentes concepções e reflexões referentes à criança. No Brasil, a LEI Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA), apresenta em seu Artigo 2º, a criança como sendo o sujeito que possui até doze anos incompletos, esta Lei, garante também os direitos da criança - destacando formas de viabilizá-los, sempre pautados no princípio da cidadania. Os direitos referidos acima também estão destacados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a qual, ao conceituar criança a define como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

Ao produzir cultura, a criança prova sua capacidade de se inserir e de se manter no meio social de forma atuante, estabelecendo novos padrões de comportamento e ideias que se diferem ou complementam aquilo que já existe. Essa participação infantil raras vezes é valorizada pelos adultos, sendo ignorada e consequentemente não aproveitada naquilo que por direito é também da criança, tendo como exemplo, as instituições escolares e as organizações municipais, que designam aos adultos a missão de elaborar as estruturas físicas, leis e projetos, sem dar voz ao sujeito infantil, o qual tem muito a dizer e a contribuir. Diante do olhar das crianças, as definições de quem elas são, partem de um modo particular de cada uma diante de suas experiências de vida e análises realizadas em função destas concepções. A criança, apesar da pouca idade, não é desprendida de inteligência, em razão disso, vai conquistando seu espaço dentro do grupo seja ele familiar, escolar ou de outro segmento social. Ela aprende com as mediações que estabelece em seu cotidiano e pelas reflexões e intervenções que realiza sobre ele, utilizando-se destas aprendizagens para benefício próprio. É dessa forma que vai desenvolvendo um conjunto de conhecimentos que a constituirão em sua subjetividade e no seu modo de ser e agir como sujeito na sociedade. Os conhecimentos são construídos num processo de trocas culturais entre os pares, o qual permite estabelecer formas de avaliar o que considera certo e errado, o que gostaria de tomar para si ou não, assim como, divulgar as suas experiências e reconstruir conceitos antigos. A criança, em interação com outros sujeitos, através do imaginário e da criatividade, estabelece novas formas de pensar e agir, sendo que as mesmas ultrapassam os limites padronizados pela sociedade, estipulando novas regras e deixando de lado o medo de errar normalmente presente na visão dos adultos. Um bom exemplo para tal afirmação pode ser constatado na facilidade que a criança apresenta ao trabalhar com recursos tecnológicos, como é o caso do computador e

do aparelho celular, os quais são eletrônicos que diante do adulto são tratados inicialmente com o maior zelo para que não estraguem e causem, dessa forma, prejuízos. Por estar desprendida deste cuidado excessivo, a criança aprende a lidar com tais aparelhos com maior destreza e em menor tempo precisando muitas vezes ensinar o próprio adulto a manuseá-los. Mencionadas as tecnologias, já é possível pensar na nova estrutura em que o mundo contemporâneo se encontra e nas diferentes relações que o mesmo apresenta em comparação ao passado, sendo que em função dessa nova realidade, a criança ao nascer já está inserida em um universo de novas tecnologias, moderno, munido de exigências e novidades.

Compreender a criança e a infância, não é apenas uma forma de buscar parâmetros para a sua vivência digna como sujeito social, mas querer que esta tenha voz para dar suporte àquilo que a ela é destinado. As pesquisas são significativas em relação às crianças, deixando evidente a importância de considera lás sujeitos de direito, produtoras de cultura e da emergência de uma nova escola pautada nestes princípios. Por outro lado, é importante destacar, de que nada adianta evidenciar isso num discurso bonito e numa estrutura física esteticamente bonita, se na prática, as crianças não se sentem pertencentes deste universo. Quando regras sociais e institucionais conduzem a forma de aproveitamento do mesmo e, dizem o que deve ser feito, ou não, sem o protagonismo da criança, é destruída toda a potencialidade nele existente. Assim como os adultos, a criança tem formas de expressar o que almeja, cabendo ao adulto se dispor a aprender estas formas e, através da participação interativa, criar condições ideais de interlocução. A criança ao dizer e demonstrar seus desejos e sentimentos apresenta também, sua capacidade e vontade de se expressar e interagir com outros. A escola, como sendo um espaço privilegiado no qual são possíveis variadas possibilidades de desenvolvimento da expressão infantil e ao convívio grupal, permite que a criança aprenda a se colocar como um sujeito atuante, pertencente a um espaço e grupo, recorrer a formas de não sair prejudicado na luta pelos direitos iguais e no reconhecimento diante dos demais colegas. Na escola, as atividades e intervenções quando bem desenvolvidas, contribuem não somente na construção de competências expressivas, como também na própria constituição da criança, pois este espaço, independente de sua organização possibilita aprendizagens que se diferem de todos outros espaços que se dizem educativos. A criança, ainda aprendendo a andar e a pronunciar as primeiras palavras, apropria-se do lápis ou qualquer outro objeto semelhante e, impulsionada pela alegria e pelo prazer dos movimentos descontrolados de suas mãos, descobre paulatinamente nas pontas dos dedos que pode exibir nas folhas de papéis emaranhados de traços. É mais do que simples traços, estes se revelam como fonte rica de alegria e tornam-se um verdadeiro fascínio para a criança. A arte envolve processos de criação que integram vivências, saberes, expressões, observações, intencionalidades e até mesmo casualidades. Além disso, contemplam variados artefatos e instrumentos, tais como, tinta, fotografias, elementos naturais, meios tecnológicos, dança, teatro, esculturas, modelagens, entre tantos outros, os quais são fontes significativas para a interação do sujeito com a criação, ressignificação de saberes e o desenvolvimento de novas relações. No início, ao emitir os seus traços, a criança rabisca não só o lápis no papel, mas sente prazer no seu gesto ao deixar uma marca impressa em qualquer superfície, seja o rastro de uma vareta na areia da praia, o risco do caco de tijolo no muro e na calçada, a marca do giz na lousa, os furinhos feitos com o dedo na massinha, a impressão da mão cheia de tinta no papel, a marca da ponta do dedo no vidro embaçado. É brincando e fantasiando que ela vai deixando o seu rastro, o seu registro, a sua expressão, e gradativamente vai contando do seu jeito a sua história. Aos poucos, nasce o desenho da criança e com ele aparecem os ricos detalhes, pequenas características, como também ele é o alvo de representações. Bichos, plantas, carros, prédios, árvores, gentes. A criança vai formando um repertório gráfico como num grande quebra-cabeça. A cada desenho novo, um encontro com as diversas possibilidades de idealizar e criar um mundo flutuante de sensações. É nesta aventura idealizada entre os seus desenhos e

representações, que a criança descobre-se, reconhece as cores diferentes, experimenta as inusitadas formas, os traços sinuosos, manipula as mais variadas texturas, explora os espaços do papel, encontra as diferentes maneiras para interpretar os seus desenhos como também apropriar-se da realidade no qual está inserida. Compreendendo o grafismo como meio de expressão, é viável que este se torne um mediador na investigação das vozes infantis. Não significa dizer que o mesmo deva ser desenvolvido através deste intuito e muito menos banalizar o grafismo com meras suposições, mas identificá-lo como um meio de diálogo entre a criança consigo mesma, com seus pares e com a sociedade. O desenho é a manifestação de uma necessidade da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar. Neste universo gráfico infantil é gostoso observar a criança em ação, a maneira com que ela se relaciona e se posiciona com o papel, o lápis na mão, coreografando gestos mais íntimos e secretos, gestos mais comunicativos e sociais. Gradativamente, ela vai elaborando o seu desenho, construindo uma figura que lembra uma música, que ela associa a um ritmo; nascem pontos que lembram o céu e as estrelas, mas que estão embaixo e se transformam em florezinhas que configuram construções quase abstratas. E vai o azul, e vai o amarelo. Desta contínua e eterna transformação brota o desenho da criança. Dessa forma, o desenho como sendo também uma produção da criança, ganha espaço como interlocutor da voz infantil. Expressa através das ações e reflexões a ele destinadas, um emaranhado de detalhes, os quais revelam significados e intencionalidades. Ao desenhar, a criança utiliza seu corpo, conhecimentos, sentimentos, vivências, reflexões, comparações e outros elementos que a constituem e que se sobressaem no ato de desenhar. A mesma interage com o material de forma subjetiva e momentânea, revela o que pretende para aquele momento e mesmo quando não há pretensões, realiza ações que naquele instante foram possíveis. Apesar de significativos e constituidores do desenho, os elementos que o compõem não são os únicos merecedores de atenção. As formas como eles são desenvolvidos e toda a ação que a criança envolve neste processo também são consideráveis. A relevância do que a criança expressa é constituída através da valorização, atenção que a mesma recebe. O que representa uma necessidade de observação diante daquilo que é por ela pensado e constituído. Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso e seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar. Assim como no brincar, ao desenhar o sujeito também utiliza artefatos que fazem parte do seu cotidiano. Ou seja, ele recria situações, expõe o que vivencia e o que considera atraente ou repulsivo. Além disso, o grafismo é realizado também apenas pelo prazer motor, ou até mesmo pela apreciação da interação com o material, ou ainda, pode ser definido por semelhanças involuntárias entre o traçado e a realidade. Daí, quando observamos este momento mágico vivido pela criança, nos fascinamos com o seu encanto, com o brilho dos seus olhos, com a sua felicidade e com a beleza singular contemplada na sublime vontade de desenhar. Para nós adultos, o desenho infantil "é como uma janela aberta para uma "terra incógnita", um continente perdido, onde moramos há muito tempo, e que é o domínio de seres muito enigmáticos: as crianças. De nosso lugar de adulto, o que vemos por essa janela pode nos parecer um tanto desajeitado. Não é absolutamente o mundo tal como imaginamos, tal como pensamos que ele é realmente. Mas, é um mundo que verdadeiramente, é imaginado pela criança, o qual ela busca traduzir e representar em suas atividades gráficas. Entretanto, para adentrarmos neste mundo imaginário do desenho da criança, que nos parece estranho, às vezes incompreensível, e ao mesmo tempo desconhecido, precisamos primeiramente arranjar um passaporte. Este passaporte seria a nossa própria vivência da linguagem: o ato de desenhar. Não dá para nos tornarmos íntimos e conhecedores de uma criança, se não compreendermos a essência da sua linguagem gráfica, o desenho. Experiências com modalidades artísticas nos primeiros anos de vida, normalmente representam grande significância no modo como o sujeito vai acolher as artes em seu cotidiano. E considerando que o desenho é um meio de comuni-

cação, expressão e ludicidade é preciso ter certos cuidados com o incentivo de padronizações também conhecidas como estereótipos que tolhem não só a criatividade e imaginação da criança, mas também seu potencial comunicativo disposto no desenho. Tratam de modelos, cópias realizadas desprovidamente da imaginação e produções próprias, extinguem a criatividade e são facilmente encontrados nos meios de comunicação, instituições, livros infantis e em outros elementos, localidades que utilizam a imagem. Diante da defesa da ideia de conhecer as crianças e reconhecer seu potencial, fica evidenciada a reprovação ao incentivo de estereótipos, pois os mesmos como explicitado são empecilho que barram a intervenção da criança no meio social, ou seja, inibem a marca própria da criança a qual tem muito a dizer. O desenho quando criado pelo próprio sujeito divulga revelações, as quais nem sempre são percebidas no cotidiano. Isso ocorre principalmente quando seu processo é acompanhado de diálogo, o qual incita reflexões reveladas ao sujeito que observa a criança desenhando, sendo que, estas observações podem gerar resultados significativos para o processo de inclusão da criança na sociedade. De um modo geral, associamos a palavra desenho à representação de objetos, ideias, à reprodução de alguma imagem ou figura, e até mesmo, a uma atividade gráfica reduzida ao lápis e papel. No entanto, o desenho constitui o modo de expressão particular da criança, o qual revela os seus sentimentos, seus desejos, as suas ideias, suas vontades e as suas experiências, como também exprime a sua concepção de mundo através das diferentes maneiras de representar o ambiente a sua volta. Assim, podemos perceber que nas mais diversas atividades humanas, o desenho encontra-se presente no cotidiano de uma criança. Seja ao abrir um livro e deparar-se com uma figura, na ilustração de uma revista ou jornal, nas obras de artes, no caderno utilizado na escola, nas revistas em quadrinhos, no esboço de um mapa, dentre outras representações. Desse modo, o desenho apresenta uma natureza transitória e tão versátil, utilizado em vários momentos de nossas vidas. Ao passar pelos estágios de evolução do desenho, a criança desenvolve a escrita, já que vai percebendo que pode desenhar a fala, o desenho aparece espontaneamente; seu desenvolvimento baseia-se na interpretação que a criança dá as próprias garatujas. Observamos que no decorrer de cada estágio do desenho infantil, a criança evolui graficamente, adquirindo maior capacidade de representar seres humanos, figuras geométricas, entre outros. Chega um momento que as letras misturam-se aos desenhos da criança que elabora diferentes representações gráficas até chegar à escrita alfabética. Através do desenho a criança terá acesso a outras formas de linguagens expressivas presentes no seu cotidiano, assim como a escrita. Além do exposto acima, o desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento narrativo. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja, serve como auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita. (FASSINA 2007 p.3)

Se o desenho é uma construção de um sistema de representação, a escrita também é e assim fica evidente a estreita relação de evolução dos dois. Cada pessoa, no processo de construção da escrita, parece refazer o caminho feito pela humanidade, seja ele qual for. A escrita pictográfica: antiga, permitia representar apenas objetos que podiam ser desenhados; a ideográfica: usava um sinal ou marca para representar uma palavra (símbolos diferentes para palavras diferentes); a escrita era constituída por desenhos referentes ao nome e não ao objeto em si. O desenho é a primeira escrita da criança, a primeira representação gráfica, o desenho é essencial na vida de qualquer criança, pois é a ponte para instigar a sua imaginação e permite que ela conheça as regras e práticas adotadas na sociedade em que vive. Através do desenho a criança consegue revelar sua intimidade que muitas vezes não consegue traduzir na linguagem falada. Assim, a experiência gráfica é uma manifestação da totalidade cognitiva e afetiva, quanto mais a criança confia em si, mais ela se arrisca a criar e a se envolver no que faz. Com o desenho não é diferente se o psicopedagogo conseguir demonstrar para a criança que desenhar é algo bom, importante e que este proporciona liberdade de expressão e

de experimentação, existirá grandes chances desta criança desenhar com prazer. É imprescindível que o professor esteja consciente de seu papel de mediador de aprendizagens, permitindo/desafiando a criança a viver experiências com todas as linguagens para não prejudicá-la em seu processo de desenvolvimento e gostos em função de suas próprias experiências e preferências. É preciso ainda, buscar sua sensibilidade em relação ao desenho, colocando-se como sujeito capaz de desenhar, retomando conceitos antigos, na tentativa de descobrir o porquê de seu distanciamento em relação a esta forma de expressão humana. Quem sabe, a partir do reconhecimento da própria capacidade de desenhar, possa surgir um novo significado no encontro entre a criança e o adulto. Ao compreender o desenho como importante para si, ou ao refletir sobre o porquê não gostar de desenhar, a professora estará propicia a desenvolver uma nova postura, passando a acreditar no desenho como importante também para a criança. Os psicopedagogos não conseguem perceber o real sentido dos desenhos infantis e sua importante característica de representar mais o que a criança sabe ou o vê do mundo, interrompendo assim uma conversa com o exterior de forma abrupta, desvalorizando o conhecimento que a mesma já tem ou adquiriu ao longo do processo de construção de aprendizagem. Presenciamos na prática o desconhecimento dessa fase importante para a criança que é o desenho infantil, ela apropria-se desse tipo de linguagem para se comunicar com o mundo, revelando assim as suas expectativas e curiosidades, pois é fato que o desenho é uma das linguagens mais utilizadas pelas crianças ao longo de trajetória escolar e não escolar também. A criança antes de aprender a ler e escrever, desenhar para comunicar suas sensações, sentimentos, pensamentos, ou seja, é uma manifestação semiótica. Torna-se indiscutível então, a importância que o desenho infantil tem no desenvolvimento da criança, pois é através dele que temos manifestações semióticas, das quais as funções de atribuição da significação se expressa e se constrói. O que a criança expressa enquanto desenha é importante, por que ela registra, imagina, relacionando sua experiência vivida, pois os desenhos materializam as imagens mentais do que a criança conhece e tem registrado na memória com a contribuição da imaginação. A evolução do desenho compartilha o processo de desenvolvimento passando por etapas que caracterizam a maneira da criança se situar no mundo. Acredita-se que a forma dela conhecer o objeto, passa por expressivas transformações em sua evolução e por esta razão existe várias etapas, que analisa o desenho e suas implicações relativas à escolarização, salientam a necessidade do respeito ao desenho infantil, não apenas pelo espaço de liberdade e de expressão contribuindo também pela sua significação e condição de linguagem. À interpretação do desenho da criança depende do olhar do interprete, pois, o desenho infantil é o lugar do improvável e indeterminado das significações, daí a importância da atuação do educador no apoio ao processo, zelando pela condição de liberdade de expressão e sustentação do direito de manifestar.

CONCLUSÃO

Como é carregado de significados, o desenho registra as alegrias, medos, sonhos e nos leva a conhecer um pouquinho da criança, de como pensa e de como age no meio que a rodeia. Ao desenhar, a criança desenvolve seus processos criativos, ampliando suas potencialidades de expressão. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento gráfico infantil é inato da inteligência humana, também corresponde às condições sócio culturais da criança e aos estímulos recebidos ao longo de sua vida. Para tanto é preciso dar oportunidades para que a criança crie e desenvolva seu estilo de representação. Além de ser uma forma de expressão, o desenho é também uma atividade altamente criativa. Quanto mais estimulado a prática, maior é a capacidade de criação, pois só se aprende a desenhar, desenhando. O desenho está estreitamente relacionado com o desenvolvimento global da criança, conforme ela vai evoluindo, vai modificando também a sua maneira de se expressar graficamente. Desenhando ela estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquire e reformula seus conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente, convivendo socialmente e operando mental-

mente, rumo a um desenvolvimento sadio do intelecto e das emoções. A criança da Educação Infantil está no auge do seu desenvolvimento pelo desenho, pois se encontra na idade em que experimenta pela primeira vez essa atividade mágica que vai evoluindo com o passar do tempo concomitante ao seu desenvolvimento. A prática do desenhar é parte da vida. É uma ação indispensável ao bem-estar da criança. Lembramos que a infância é a época das descobertas e das aventuras. Portanto cabe a nós psicopedagogos oferecer condições que estimulem o gosto pela arte de registrar o mundo num pedacinho de papel, permitindo às crianças inventar, criar e sonhar.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 15 jun.2024

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasilia: MEC/SEF, 1998.

DERDIK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 2 edição. São Paulo: Sapione, 1994.

EISNER, E. Estrutura e mágica no ensino da arte. Arte educação : leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

GOBBI, Marcia & LEITE, Maria Isabel. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmicaem diálogo com a educação.
Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Gobbi_desenho.pdf. Acesso em: 25 jun 2024

PALMEIRA, Tatiana Silva. A arte na educação infantil: olhares que se entrecruzam. Associação de Cultura de Goiás – Faculdade Padrão III. 2014.
Disponível em: http://faculdadepadrao.com.br/portal/. Acesso em: 22 de jun 2024

POSSA, Karine. VARGAS, Alessandra Cardoso. O desenho na Educação Infantil. Linguagem e expressão da subjetividade. EFDeportes.com, Revista
Digital. Buenos Aires - Año 19 - Nº 193 - Jun de 2014. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd193/desenho-na-educacao-infantil.htm. Acesso em: 20 jun 2024

PROFALA. Descoberta de um universo : A evolução do desenho infantil. Disponivel em: http://www.profala.com/arteducesp62.htm. Acesso em: 23 Maio 2024.